O TESTEMUNHO RELIGIOSO NA PRATICA DA EDUCAÇÃO SOCIAL

Autor: Penha da Glória dos Santos

Assistente Social, Mestra em Educação Social

gloripepa@gmail.com

Co-autor: Profº Dr. João Clemente de Souza Neto

j.clemente@uol.com

RESUMO

Este artigo é parte de minha dissertação de Mestrado e discorre sobre o testemunho religioso na prática de educação social, trazendo a experiência de algumas religiosas da Ordem da Companhia de Maria Nossa Senhora - ODN, que há quatro séculos se dedica a Educação. Na América Latina a colonização por si só, já foi sinônimo de desigualdade, já que através da força das armas dos colonizadores a população nativa foi subjugada, A Igreja católica fez parte constitutiva deste projeto, mas possibilitou que dentro de seus quadros surgissem pessoas capazes de desconstruir o discurso hegemônico, entre estes, podemos citar o frei dominicano Bartolomeu de Las Casas (1474-1566) que segundo Dussel, é a base da matriz para uma educação comunitária, popular ou libertária para a América Latina. No processo de evangelização do continente os religiosos, construíram igrejas, escolas, Santas Casas e outras obras de caridade, sempre relacionado ao Carisma de cada Ordem. Influenciadas pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), os religiosos saem dos grandes conventos e se aproximam do mundo dos pobres. Na América Latina, os Concílios de Medellín (1968) e Puebla (1979), dão um novo direcionamento em sua proposta evangelizadora, assumindo a opção preferencial pelos pobres. Este compromisso da Igreja Latino Americana, vai provocar um descontentamento das forças hegemônicas locais, já que os religiosos vão para o meio do povo simples com uma proposta de superação dos abismos sociais. Através das CEB’s, baseados no método Ver, Julgar e Agir, o povo toma consciência de seus direitos, e entendem que a desigualdade social não é vontade de Deus, mas ambição dos homens.

PALAVRAS-CHAVE: Educação social, exclusão, desigualdade, superação, abismos sociais

ABSTRACT

This article is part of my Master's thesis and discusses the religious testimony in the practice of social education, bringing the experience of some religious of the Order of the Company of Mary Our Lady - ODN, which for four centuries has been dedicated to Education. In Latin America, colonization alone was synonymous with inequality, since through the force of the colonizers' arms the native population was subjugated. The Catholic Church was a constituent part of this project, but made it possible for its people to emerge capable of to deconstruct the hegemonic discourse, among them we can mention the Dominican friar Bartolomeu de las Casas (1474-1566) who according to Dussel, is the basis of the matrix for a community education, popular or libertarian for Latin America. In the process of evangelization of the continent the religious built churches, schools, Holy Houses and other charitable works, always related to the Charism of each Order. Influenced by the Second Vatican Council (1962-1965), religious leave the great convents and approach the world of the poor. In Latin America, the Councils of Medellín (1968) and Puebla (1979) give a new direction in their evangelizing proposal, assuming the preferential option for the poor. This commitment of the Latin American Church will provoke a discontent of local hegemonic forces, since the religious go to the middle of the simple people with a proposal to overcome the social chasms. Through CEBs, based on the method See, Judge and Act, the people are aware of their rights, and understand that social inequality is not God's will, but men's ambition.

Keywords: Educação social, exclusão, desigualdade, superação, abismos sociais

A América Latina detém um dos maiores índices de desigualdades sociais mundiais de acordo com o ultimo relatório publicado pelas Nações Unidas em maio/2018, mesmo apesar do baixo índice de concentração de renda (vide). A desigualdade gera disparidades, afeta o acesso à educação, saúde, emprego, etc., ou seja, gera pobreza e as condições de inferioridade e marginalidade que vemos desde os tempos da colonização.

Durante a ocupação da América Latina, os colonizadores tiveram a possibilidade e a oportunidade de encher os cofres de suas nações com ouro, prata, e toda sorte de produtos naturais, assim como a produção maciça de bens levados para as coroas, portuguesa e espanhola que, por sua vez, repassavam para os outros países com os quais tinham dividas.

Para efetivar esta conquista, foi necessário que houvesse uma estrutura mínima que possibilitasse a manutenção a mesma. Para isso usaram como grande aliado a religião. As coroas portuguesa e espanhola, ao mesmo tempo em que saqueavam de um lado, do outro impunham a fé católica, que além de ajudar a que os “novos cristãos” fossem subservientes ao deus imposto pela coroa, também impunham aos povos dominados a sua cultura. Por este motivo juntamente com a espada, também estava a cruz, que ~~se pensarmos~~ em sentido figurado, realmente poderia se dizer que estes povos foram crucificados, pois foram desrespeitados em sua cultura, espoliados de seus bens e de suas terras, sem contar o martírio de muitos.

Para ajudar na efetivação da dominação montaram uma estrutura em que foram construídos bispados ou conventos, onde ao lado havia uma igreja para atendimento da população local, e a partir daí foram se constituindo os vilarejos e as cidades e não podemos nos esquecer das escolas, tudo isso com o objetivo da propagação da fé para a Igreja: “ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Mac.16,15), e a conquista para as coroas portuguesa e espanhola.

Desta forma podemos concluir que “a Igreja católica fazia parte constitutiva do projeto político de colonização dos reis católicos para a América Latina. A proposta pedagógica em curso era formar e catequisar os nativos. Apesar do projeto de colonização ser quase homogêneo na sua totalidade, havia nesta história, e no decorrer dela, vozes e práticas que visavam à resistência ou a desconstrução dos objetivos iniciais. Entre as forças mais conhecidas encontra-se o Frei Bartolomeu de las Casas (1474-1566) que, segundo Dussel, é a base matriz para uma educação comunitária, popular ou libertadora para a América Latina.

Bartolomé de las Casas (1474-1566) dijo muy precisamente que ‘dos maneras han tenido en extirpar de la faz de la tierra aquellas miserandas naciones’ refiriéndose a los dos modos que han usado los europeos para dominar la periferia. ‘La una por injustas, crueles y sangrientas tiránicas guerras’; es decir, los europeos han asesinado a los habitantes de la periferia (es la muerte del otro). ‘La otra, después que han asesinado a todos los que podían anhelar la libertad, como son los hombres varones [...]’. Han asesinado el indio; pero cuando dejan alguno en vida lo reducen oprimiéndolo con horrible servidumbre. El texto indica además que dejan en vida la mujer, para amancebarse con ella (dominación erótica), y a los niños, para educarlos en la cultura europea (dominación pedagógica). (DUSSEL, 1996, p. 21).

Assim como Bartolomeu de las Casas, tiveram outros religiosos em toda a América Latina, que saíram do círculo da conquista e conseguiram enxergar no rosto dos indígenas, negros escravizados e pobres, a face de Jesus.

A partir de um carisma específico, cada grupo religioso busca dar uma resposta adequada a cada necessidade, pois é neste contexto que se encontra a base da Vida Religiosa que se fundamenta por uma opção radical de seguimento de Jesus e se materializa através de uma intuição, que nada mais é que uma maneira concreta em que cada um, fundador ou fundadora, encontrou de fazer concreto o seguimento. A ideia de fundo é que se Jesus estivesse presente, que realidade, ou situação de sofrimento, de miséria humana ele sanaria ou remediaria? E é isso então que cada pessoa, que ao se sentindo chamada a uma entrega radical a Deus, colocando as suas capacidades pessoais e experiências de vida, juntamente com a observação da realidade que a cercava iniciava um trabalho junto aos mais necessitados. A ação desta pessoa conseguia contagiar a outras e, em muitos casos, este carisma se perdurou por muitos séculos, se recriando e atualizando para um fazer mais eficaz à realidade em que se apresentava.

Podemos citar algumas pessoas que ao longo da história fizeram de sua opção de fé, uma forma de possibilitar uma vida mais digna para os desfavorecidos. Muitos deles foram os que deram os primeiros passos para o que podemos entender hoje como educação social.

Reportando-nos para um período da história da Europa, vamos encontrar pessoas que por um compromisso com o evangelho, entenderam que só poderiam viver o mesmo através da ajuda aos mais necessitados. Podemos citar a Ordem do Espírito Santo (1160), fundada por Guy, conde de Montpellier, “[...] a favor, entre outros, das crianças abandonadas, esta ordem inscreve-se na orientação de uma certa pedagogia monástica que reabilita a criança, como foi o caso de São Bento” (CAPUL; LEMAY, 2003, p. 22).Um pouco depois, encontra-se Francisco (1182-1226), italiano natural de Assis que deixou todo o conforto da casa paterna e, junto com outros companheiros, viveu da mendicância, ajudando os pobres e leprosos da época. Com Francisco de Assis surgem as ordens mendicantes, que buscavam sobreviver apenas com as esmolas que recebiam, além de as repartirem também com os pobres, revelando uma preocupação social.

Passando pela Idade Média e Renascimento, na Idade Moderna vários personagens vão surgir dedicados a educar e amparar crianças abandonadas, com deficiência, entre outras. Pode-se mencionar Jean-Louis Vivès (1492-1540) como o primeiro a colocar de forma explícita a educação de crianças pobres, preocupando-se com a educação de todas, inclusive das deficientes visuais.

Não permitiremos nem mesmo aos cegos que sejam ou se tornem desocupados; há muitas coisas nas quais podem exercitar: uns tem vocação para as letras, desde que alguém leia para eles [...]. Outros que são mais aptos para a música [...]. Agora nosso objetivo coloca-nos perante aqueles que estão privados do uso da razão. Como não há no mundo nada mais excelente do que o Homem, nem no Homem coisa mais nobre que o entendimento, é preciso trabalhar principalmente para a educação deste; é preciso considerar como o melhor dos benefícios tornar saudáveis os entendimentos dos outros [...]. (CAPUL; LEMAY, 2003, p. 22-23).

Jean Paul Bonet (1579-1633) publica em 1620 “o primeiro” tratado da arte de ensinar a falar aos mudos. Essa mesma preocupação com a educação de surdos-mudos será observada no abade de Épée (1712-1789), que estende o ensino coletivo a eles. São Vicente de Paulo (1581-1660), natural de Pouy, sul da França, após se tornar sacerdote e passar por vários percalços em sua vida, vai se dedicar a paróquias rurais onde percebe o abandono espiritual do povo que vivia no campo. Fundando então a Confraria da Caridade (1617), para dar assistência espiritual e material aos pobres e depois a Congregação da Misericórdia (1625), para cuidar da evangelização dos camponeses. Em 1633, com Luiza de Marilac, funda a Congregação Filhas da Caridade e, mais tarde, as Damas da Caridade. Uma das mais importantes ações de São Vicente foi acolher o grande número de recém-nascidos abandonados nas ruas e portas de Igrejas. Estas crianças eram recolhidas em um abrigo onde recebiam assistência material e formação religiosa até que tivessem idade suficiente para poder cuidar de sua vida.

Os personagens históricos citados acima, que viveram ente o final da Idade Média e início da Idade Moderna, interferiram em três valores:

1. Conceber o pobre como pessoa humana, portanto, como sujeito.
2. Reconhecer que os pobres são filhos de Deus, portanto, têm uma dignidade humana.
3. Através de suas práxis, interferiram na convivência.

Esses três elementos oferecem uma base para pensar a forma de conviver, o que requer uma nova perspectiva pedagógica.

Em Bordeaux, na França, Santa Joana de Lestonnac (1557-1640), sobrinha de Michel de Montaigne, em 1607, funda a Ordem da Companhia de Maria Nossa Senhora. Preocupada com o descaso pela educação feminina, inicia um projeto de escolas totalmente voltadas para a mulher. Segundo Lestonnac, a educação seria “Para o bem do povo ou bem público [...]; que a mulher devia salvar a mulher; [...] Através de nossas alunas, educaremos famílias inteiras” (H.O., 1964).Destaca-se, aqui, a importância da articulação do sujeito oprimido para desencadear o seu próprio processo de libertação*.*

Aproximadamente após 140 anos da fundação em Bordeaux, França, a Ordem da Companhia de Maria Nossa Senhora abre suas primeiras casas na América Espanhola: México, Mendoza (Argentina) e Bogotá, (Colômbia). Estas primeiras fundações se dedicaram a formação tanto das jovens da elite, como também das indígenas (Colégio de Guadalupe de Índias – México, 1754), ou a fundação de Mendoza, 1780 em que não ficou excluída nenhuma mulher: índias, mulatas, negras e também as mulheres adultas, sendo que neste colégio tanto as alunas como as religiosas tiveram participação ativa nas lutas pela libertação, liderada pelo Libertador San Martín. O Projeto Educativo da Ordem, mostra uma de suas características que é a adaptação à realidade, “mas necessitada de salvação”.

O contexto histórico em que surge a Ordem e a proposta educativa de Santa Joana de Lestonnac faz perceber que a mesma viria ao encontro de todos aqueles que estivessem fora do círculo do poder, do conhecimento, da sociedade. Para ela, a educação era uma possibilidade de inclusão da mulher naquele período, para a mulher de hoje e, na esteira, para todos aqueles a quem a vida é negada por se encontrarem nas periferias do mundo. O desejo que ela expressou em seu leito de morte, retrata qual era a sua preocupação, onde estava o seu coração e, por isso, é sempre importante repeti-lo:

E porque logo vai partir e não quer que o esposo lhe encontre com a lâmpada apagada, ante o assombro de todos, *projeta uma nova fundação no outro extremo da cidade, onde a miséria e o abandono deixam a muitas meninas sem educação.* (AZCÁRATE, 2009, p. 176, grifo nosso).

Se em um determinado momento na Igreja na América Latina, apesar de algumas vozes destoantes, o seu compromisso estava claramente voltado para os interesses da manutenção do projeto colonial, passados quatro séculos, a Igreja renova sua proposta evangelizadora, entendendo que o compromisso, o seguimento de Jesus, passa pelo pobre, pelo desvalido, pelo oprimido.

O Concilio Vaticano II foi um dos grandes marcos da Igreja na idade contemporânea, convocado em 1961 pelo Papa João XXIII, foi realizado no período de 1962 a 1965 e teve como proposta rever a doutrina da Igreja diante das transformações do mundo moderno visando repensar o papel da fé diante da realidade do mundo que se apresentava. “Após o Concilio surge uma Igreja mais plural e inculturada, aberta a uma maior participação dos leigos e presença nas questões sociais”.

Se o Concilio Vaticano II abre um espaço a uma Igreja inculturada, foram as conferencias episcopais Latino Americanas que possibilitaram efetivar a inculturação da Igreja no solo deste continente, pois ao refletir sobre a realidade latino americana, e o papel da Igreja no mesmo, influenciou a vida dos leigos como também a Vida Religiosa.

Ao final das décadas de 60 e 70, impulsionadas pelo Concílio Vaticano II, pelos documentos das Conferências Episcopais Latino-americanas de Medellín (1969) e Puebla (1978), inicia-se na vida religiosa um movimento de abertura às novas realidades do mundo fora dos muros das grandes instituições. Algumas congregações religiosas, abertas ao apelo de Javé a Abraão: “[...] Deixa tudo e vai para a terra que eu te indicar.” (Gen 12, 1), iniciaram o processo de comunidades inseridas nos meios populares. Trata-se, diferentemente dos conventos, de comunidades pequenas, com três, quatro ou cinco religiosas que vão formar suas comunidades nas periferias urbanas, rurais e nas comunidades indígenas, iniciando uma nova forma de vida religiosa.

Essa saída parte de um apelo de estar atento aos clamores do povo. “Eu vi, eu ouvi, eu conheço, e por isso desci [...]” (Cf. Ex 3,7) e as diversas congregações religiosas empreendem um caminho rumo à libertação. Mas esse caminho não apenas liberta os destinatários dessa ação, mas sim a Igreja, e a Vida Religiosa é convidada a libertar-se do que a afasta da vivência concreta do Evangelho, descobrindo aí um novo lugar teológico de encontro com Deus. “A periferia é o lugar onde Deus se revela nos sem-terra, nos sem casa, nos sem trabalho, nos sem família. Naqueles que foram banidos da sociedade dos homens. Naqueles que só têm Deus a quem recorrer” (IRMÃS PÉ NA ESTRADA, 1984, p. 5).

Na América Latina, diante de toda a realidade de pobreza e exclusão, a proximidade com o mundo dos pobres deu-se de forma ativa e efetiva pela Igreja. Já não se podia mais ignorar a realidade do povo. Esta situação de opressão muitas vezes negada, ignorada, nos dá a proporção de como o sistema capitalista investiu para se perpetuasse o acúmulo do capital em detrimento da realidade sofrida das pessoas. Ao capital não interessa a pessoa, e sim a sua lógica é o acumulo. As pessoas sentem a opressão, sentem que estão sob um jugo, mas não sabem de onde vem, acabam acreditando que isso é natural.

O grito – enquanto ruído, rugido, clamor, protopalavra ainda não articulada, interpretada de acordo com o seu sentido apenas por quem “tem ouvidos para ouvir” – indica simplesmente que alguém está sofrendo e que do íntimo da sua dor nos lança um grito, um pranto, uma súplica. É a “interpelação primitiva”. É evidente que alguém deverá possuir “uma resposta responsável ao apelo do outro”. [...] Só respondemos com “responsabilidade” à presença do infeliz quando este já nos “comoveu”. (DUSSEL, 2011, p. 19)

E este grito, este rugido este clamor, quem está ouvindo? O que ecoa é um grande silêncio... O pobre clama aos céus, quando já não sabe a quem recorrer. Clama por justiça, sente que suas forças vão se esvaindo, ou talvez nem sintam mais, acham que isso é o destino daqueles que assim nasceram na condição de pobres. É neste sentido que se faz necessário uma educação que promova a esperança, a alegria, e que renove a vontade de viver. Para isso faz-se necessário em primeiro lugar que as pessoas acreditem que elas podem mudar este contexto, mas não sozinhos, junto com os outros, seus pares, seus iguais e não fiquem esperando um salvador externo, porque o que os opressores querem é perpetuar esta situação.

É que para eles, pessoa humana são apenas eles. Os Outros, estes são “coisas”. Para eles, há um só direito – o seu direito de viverem em paz, ante o direito de sobreviverem, que talvez nem sequer reconheçam, mas somente admitam aos oprimidos. E isso ainda, porque, afinal, é preciso que os oprimidos existam, para que eles existam e sejam “generosos” (FREIRE, 1970, 45).

É desta violência, desta opressão que o oprimido tem que se libertar. Libertar-se de acreditar que ele está sob o jugo do destino, de que está sozinho no mundo, de que o seu igual vale tanto quanto ele e por isso não vale a pena juntar-se e lutar e principalmente libertar-se da ideia de que um dia será como o opressor e então, vai fazer o mesmo que fizeram com ele, também não terá piedade, pois não tiveram piedade dele quando sofria.

Paulo Freire adverte que o oprimido deve libertar-se, mas que não se liberta sozinho, mas com outros e que não basta apenas libertar-se mas libertar o opressor que está dentro de si, caso contrário, estará repetindo a opressão, neste caso, o chicote apenas trocará de mãos.

É dentro do contexto de opressão vivenciado pelo oprimido que podemos entender o fatalismo que segundo o autor nos faz ter a impressão de uma docilidade e de um traço da personalidade nacional, salienta que “é fruto de uma situação histórica e sociológica e não um traço essencial da forma de ser povo” (FREIRE, 1970, 49).

Segundo Martín-Baró, existe um caráter ideológico quanto ao fatalismo latinoamericano.

Parece que os povos latino-americanos estão imersos em um cochilo forçado, um estado de dormência que os mantém à margem de sua própria história, sujeitos confinados em processos que outros determinam, sem que a semiconsciência de sua situação permita criar outras coisas que não solavancos esporádicos, como quem se agita para não cair totalmente no sono. (MARTÍN-BARÓ, 2017, p. 174)

Esse comportamento do latino-americano não é em si algo inerente ao povo, como algo que faz parte de nosso DNA. Aparentemente, aos latinos só importa o momento presente, o aqui e agora, sem perspectiva de futuro e sem registro de sua história. Dentro dessa perspectiva, as pessoas pensam realmente que diante da realidade que se apresenta não há nada a fazer a não ser aceitar o destino, algo já dado, algo que não pode ser mudado. Essa forma de pensar é muito boa para aqueles que querem nos dominar, para aqueles que se aproveitam dessa situação... “Neste sentido, o fatalismo revela uma peculiar forma da pessoa de dar sentido à sua relação consigo mesma e com os fatos de sua existência” (MARTÍN-BARÓ, 2017, p. 175).

O mesmo autor aponta que esse modo fatalista de pensar/agir, pode ser distinto segundo o processo pelo qual foi conformado e transmitido através de alguns mecanismos socializadores:

[...] são as pautas de formação e educação; em outros, as influências podem vir das ações educativas da escola ou das igrejas, em muitos outros casos, sobretudo no campesinato que constitui uma elevada população latino-americana, a experiência no trabalho, a vivência de relações entre o trabalhador e o patrão no campo, é a principal fonte do fatalismo. (MARTÍN-BARÓ, 2017, p. 192)

Para o autor, os povos latino-americanos podem estabelecer um processo dialético e sair do fatalismo através de três mudanças importantes: (a) a recuperação de sua memória histórica; (b) a organização popular; (c) a prática de classe.

Então podemos concluir que a prática da educação libertadora é que poderá ajudar no processo de libertação, pois segundo Freire,

O importante, por isso mesmo, é que a luta dos oprimidos se faça para superar a contradição em que se acham. Que esta superação seja o surgimento do homem novo – não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se. Precisamente porque, se sua luta é no sentido de fazer-se Homem, que estavam sendo proibidos de ser, não o conseguirão se apenas invertem os termos da contradição. (FREIRE, 1970, p. 43)

É sabido que a lógica do capital é o acumulo e que não há uma preocupação se o povo sofre, se as crianças morrem de fome, se as pessoas não têm condições de comprar medicamentos ou quando pior ainda, não tem um sistema de saúde que minimamente atenda às necessidades da população. Isto estamos presenciando mais uma vez na sequência das políticas pensadas para a América Latina neste século, pois estas políticas, longe de haverem sido praticadas apenas no tempo das colônias, seguem até hoje. Há momentos em que existem como espaços de respiro, e neste tempo, as pessoas sentem que podem respirar, que se pode esperar por dias melhores, mas isso é um ledo engano.

Neste contexto de opressão e sofrimento é que à luz das conferencias de Medellín e Puebla, a Vida Religiosa sentiu-se interpelada a ter uma presença concreta no meio dos pobres. Assim sendo, a Companhia de Maria, que nos anos de 1960 já estava presente além do México, Argentina, Colômbia, Chile, Peru, Brasil e mais tarde Paraguai e Bolívia, adere, responde aos apelos da Igreja, como também, os Capítulos Gerais e Assembleias da Ordem que entendem que “buscar os lugares mais necessitados de salvação”, passa por estar juntos aos mais necessitados da América Latina e inicia a abertura de casas em meios populares.

O Concílio Vaticano II, no documento *Perfectae* *Caritatis*, voltado a pessoas consagradas, conclama a todas as Ordens religiosas a retomarem o carisma dos fundadores. A Companhia de Maria também percorreu o caminho de inserção nos meios populares, partindo da reflexão proposta pela Igreja numa tentativa de redescobrir o carisma e ao mesmo tempo ser fiel a ele. Os capítulos gerais defiram a forma de aplicar o carisma dentro das necessidades da opção pelos pobres, uma vez que o carisma da Ordem é estar a serviço da educação.

Más de cuarenta años de andadura en los que la fidelidad al Espíritu, encarnado en los gritos y silencios de los hombres y mujeres de cada tiempo y lugar, ha ido modelando y abriendo el horizonte de nuestra vida religiosa apostólica.

En la interrelación que siempre existe entre lo escrito y lo vivido, encontramos esa huella del Dios siempre mayor que nos confronta con nuestros planes y deseos, nos coloca frente a nuestras posibilidades y limitaciones y nos empuja a dar, con audacia y unidas, ese paso más que va construyendo la Historia. (ODN, 2011).

Desta forma, toda tarefa educativa da Ordem, deverá ser realizada a partir da perspectiva dos pobres, pois eles apontam o caminho de seguimento a Jesus.

O desafio de viver o seguimento de Jesus pobre configura o novo estilo de vida religiosa que a Ordem se sente chamada a viver. O pobre é o outro a quem a vida é negada, a quem lhe são negados os direitos. O seguimento a que as religiosas são convidadas a viver, não é a um Jesus que está dentro das catedrais, mas que está caminhando junto com o outro que vive nas favelas, nas periferias, nos campos, e que tem o rosto da mulher, do negro, do mestiço, do indígena. O XII Capítulo Geral reflete que esse novo estilo de vida faz mais evangélica a missão.

En estos años la inserción de comunidades entre los pobres y el trabajo con marginados en distintos campos se ha ido afianzando [...].Se ha ido pasando de los principios anunciados en esta línea a experiencias que van marcando un nuevo estilo de vida religiosa, en seguimiento de Jesús pobre [...]. Se vive cada vez más desde la propia identidad [...]. Como campo prioritario dentro de la marginación, se señala la mujer [...]. (XII Capítulo General in ODN, 2011).

Esta nova maneira de viver o evangelho, dá um novo sentido à vida religiosa, pois estar próximo à realidade do pobre, faz com que a dor, o sofrimento, do Outro, passe a ser o sofrimento de quem o acolhe em sua dor, em suas mazelas. Já não é um estranho, mas este Outro passa a ser um irmão, aquele que grita, que estende a mão na esperança de que alguém lhe ouça, que alguém tome as suas dores e possa ajuda-lo em seu processo de libertação.

Para que o oprimido possa modificar-se e mudar o outro e a realidade social, é necessário compreendê-la e tomar consciência de sua opressão. [...]. Não basta, porém, conscientizar-se; a educação deve provocar o desenvolvimento da atitude crítica de reflexão e de indignação que leve a um compromisso com a ação libertadora. Esta ação é um ato de amor que combate a falta de amor, cujas raízes estão no processo de exploração e de violência praticado pelos opressores. A educação contribui para que homens e mulheres descubram sua vocação de ser sujeito, e não objeto de manipulação. Ela tem a finalidade de criar as condições para uma tomada de consciência e de uma [...] atitude crítica, graças à qual o homem escolhe e decide liberta-lo em lugar de submetê-lo, de domesticá-lo, de adaptá-lo, [...] que tende a ajustar o indivíduo à sociedade, em lugar de promovê-lo em sua própria linha” (FREIRE, 1980, p. 35 apud SOUZA NETO, 2010, p. 321)

O processo de educação/libertação deve levar a pessoa a acreditar em suas capacidades, suas possibilidades. O educador é o mediador da ação. Ele se anima a “lançar as redes” quando os pobres já estão cansados da opressão e não acreditam em sua humanidade, quando a mulher se vê como objeto, quando a criança não é reconhecida. A relação com o outro, então, constitui-se em uma prática solidária, fazendo visível a radicalidade do evangelho.

É dentro desta perspectiva que a Ordem é chamada a desenvolver sua ação educativa no meio dos pobres, pois não se trata apenas em uma ação, mas uma missão como forma de responder ao carisma. As religiosas inseridas nos meios populares começam a entender que não estão ali apenas para estar com o povo, mas para, junto com o povo, começar a lutar por seus direitos, organizando-se em grupos de CEBs, sindicatos, grupos de saúde e etc. Elas começam a se articular em torno da proposta de Educação Popular.

Es la pulsión alternativa o de justicia metafísica; es el amor al otro como otro, como exterioridad; amor al oprimido, pero no en su situación de oprimido, sino como sujeto de la exterioridad [...]. Descubrir al otro como otro y ponerse-junto-a (con-) su miseria, vivir como propia la desproporción de ser libre y sufrir su esclavitud, ser distinto y alguien, y al mismo tiempo ser sólo una parte diferente interna; dolerse con el dolor de dicha escisión es la parte primera del ethos liberador. No es la amistad, ni la fraternidad (de los iguales), sino el amor a los oprimidos en razón de su real dignidad como exterioridad. (DUSSEL, 1996, p. 83)

Essa proposta educativa possibilita que se organizem lutas às quais se configuram a exigência por políticas sociais que atendam à realidade das classes oprimidas. Essas mesmas lutas já não são mais direcionadas apenas para um determinado grupo, surge o trabalho em redes, pois não há mais sentido em caminhar sozinho. A caminhada para a libertação é em mutirão. As experiências das comunidades de inserção possibilitaram que a luta, as necessidades do povo não fossem algo ausente, estranho à vida religiosa. Tornou-se um imperativo, parte integrante do ser religioso na América Latina.

A Ordem da Companhia de Maria Nossa Senhora, em seus mais de 400 anos de existência e quase 300 na América Latina/Cone Sul, optou pela educação popular/educação social, como uma maneira de colocar a serviço o seu carisma educativo, e é neste contexto que as religiosas dão o seu testemunho religioso, na entrega cotidiana de sua vida, nas favelas, comunidades rurais, nas periferias das grandes cidades, desenvolvendo trabalhos com crianças, adolescentes e jovens, famílias, indígenas e campesinos.

Alguns depoimentos de religiosas do Cone Sul que desenvolvem sua missão educativa em diferentes realidades sociais, pode nos dar uma ideia deste processo concebido pela Ordem e o compromisso com o Outro, possibilitando que ele saia da invisibilidade, do desanimo, da tristeza, através de práticas educativas de proximidade, solidariedade, de “mãos estendidas”, parafraseando Santa Joana de Lestonnac.

Em cada situação, em cada país, em cada cidade... nós vamos vendo, em cada momento histórico, como nós, enquanto educadoras, podemos estender as mãos; que resposta podemos dar, como podemos estar ali ajudando as pessoas a descobrirem o que elas têm de mais positivo para construir um mundo melhor[...]. Sujeito. 1

Na América Latina, como também em outros continentes, o projeto da Ordem é desenvolvido com a população urbana, como também com a campesina e a indígena; com adultos, mas também com adolescentes, jovens e crianças; com as mulheres, não importa que fase da vida estejam vivendo: pode ser adolescente, jovem, gestante ou mãe, já que esta proposta se desenvolve desde a perspectiva daquelas pessoas que tem sua vida ameaçada, pela pobreza, pela ignorância, pelo descaso das autoridades, pela saúde deteriorada, pelo desanimo, pela tristeza... enfim, aqueles que estão excluídos.

[...] el don de la conversación, el encuentro, la escucha, tratar de entender lo más genuino de la persona, llevo a todas las dimensiones de mi vida. Ni todas las personas calzan el mismo pie, en mi parece como descubrir esto que el otro tiene que lo hace único, cuando se toca esa dimensión na otra persona se produce el encuentro donde la dignidad de la persona la experiencia de dios, la dimensión más linda do que es ser hermano, ser amigo, es que hace extrañar el otro, hermanarse con la persona y nunca la dejar de lado. Sujeito. 2

O encontro com o Outro, possibilita que a religiosa/educadora também se encontre consigo mesma. Como o aprendizado é algo de mão dupla, à medida que se acompanha se aprende; se aprende a ser mais humano, mais solidário, e que dentro de cada um há espaços que necessitam ser acompanhados, curados, cuidados para que se possa cuidar do outro. O processo de acompanhamento leva a uma humanização, de quem é acompanhado e também de quem acompanha.

[...] Después todo lo que implica el rol de la mujer dentro de la sociedad. Juana supo que la mujer tendría que jugar un rol preponderante dentro de la sociedad y ha favorecido su empoderamiento, entonces como Compañía de María lo seguimos haciendo y más en la educación popular donde en la mayoría de las veces es la mujer que lleva los procesos de emancipación, a pesar de tener los hombres, las primeras que empiezan a gestar todo lo comunitario son las mujeres, eso desde la experiencia que yo tengo. El hombre puede ser muy líder, pero, quien lleva todo adelante y va tejiendo esas redes y construyendo la comunidad son las mujeres. Entonces desde ahí la pedagogía de la Compañía presenta una herramienta de empoderamiento de emancipación muy destacable. Sujeito. 3

Quando Santa Joana de Lestonnac fundou a Companhia de Maria pensando na educação da Mulher, ela abriu um leque de possibilidades, pois naquele momento, como ainda hoje ocorre em muitos espaços sociais, a vida da mulher se restringia aos espaços domésticos, não sendo permitido a ela os espaços fora da casa, na sociedade. Sabemos que a mulher tem todas as condições de desenvolver atividades várias, pois o ato de refletir, planejar, pesquisar, criar, não se restringe apenas ao mundo masculino, mas como todo oprimido, a mulher tem que se libertar destes parâmetros que fizeram com que ela acreditasse que não era capaz. Este processo de empoderamento pode ser lento, mas leva a mulher a libertar-se e a libertar também o homem, para que juntos possam construir uma sociedade mais justa e igualitária, esta é uma das maneiras de educar na Companhia de Maria.

Uma educação para responder à realidade, que possa transformar a pessoa, no sentido de aproveitar todo o potencial dela, podendo levar a pessoa a ser protagonista de sua própria história [...]. Podemos dizer que é o educar, para a vida. E o educador entra como mediador. Vou mediar este aprendizado da criança. Eu vou acompanhar este processo, como ela vai crescendo enquanto pessoa. Sujeito. 5

Esta proposta de educação se desenvolve em qualquer etapa da vida, assim como em situações onde a vida deve ser cuidada, onde a esperança deve ser fomentada, onde as pessoas possam, apesar dos percalços da vida, não deixar que isso determine o seu futuro, mas confiar em suas próprias capacidades, desenvolvendo suas ferramentas internas e empreender sua jornada de libertação.

Pra mim partindo daquela realidade de ouvir o grito do outro, deixar-se afetar, eu sinto que o projeto de educação popular se coloca na lama do povo para poder pisar na lama, estar na realidade do povo, escutar, olhar, como uma utopia, onde a gente sonha com a transformação de um mundo novo [...] Você se coloca na pele do outro e não tem como falar diferente, você se faz guia do outro, mas também se faz companheiro e então, nessa proximidade, se descobrem as habilidades daquela situação tão limitada da educação popular pra ressurgir junto, como quem planta... ver a plantinha saindo da terra. Sujeito. 6

O encontro com o Outro, com o pobre, só pode se dar à medida em que o educador se dispõe a ouvi-lo, se coloca junto com ele, na medida em que se torna uma relação de iguais. Onde no diálogo não existe o que sabe mais, mas que passa a existir uma troca de saberes, pois ninguém é uma tabula rasa, cada experiência é única e é nesta troca de saberes, que se dá o diálogo, o respeito levando a um processo de libertação da pessoa.

Para mí es muy claro, no vamos discernir se es hoy o mañana… el problema se presenta hoy, la educación popular en la Compañía de María se intenta responder al hoy, es difícil de explicar, pero nuestro modo de ser así. Tender la mano al hoy, la necesidad es hoy. Las niñas cayendo en el abismo. No están cayendo dentro de un año, mañana, están cayendo hoy. No se puede decir, vamos esperar que se queme un pie, una mano y después vamos a socorrerla. Tenemos que tender la mano ahora. Están cayendo ahora. Juana empezó un proyecto más grande, nosotras que tenemos todas las herramientas, de ese proyecto mayor, que pensó Juana e soñó Juana, tenemos que responder a la realidad hoy. Tenemos entre manos ese proyecto. Sujeito. 3

Educar na Ordem da Companhia de Maria é atender às realidades mais necessitadas de salvação. No contexto latino americano tão conturbado, marcado pela violência, pelas desigualdades, por processos sucessivos de exclusão social, urge ser diligente, estar atento à realidade e desenvolver ações que possibilitem o desenvolvimento de processos de libertação.

Nestes 400 anos de história a Companhia de Maria Nossa Senhora, buscou através de suas ações educativas, responder à intuição primeira de Santa Joana de Lestonnac, de “estender a mão”.

Este apelo de estender a mão às jovens que estavam a ponto de cair no inferno, se traduz hoje para a Ordem, não apenas na América latina, mas em todos os países onde a Companhia está presente, em que a vida está sendo negada, em que as pessoas estão a ponto de cair no inferno da ignorância, da fome, da drogadição, da exclusão social, enfim, onde as pessoas têm a vida ameaçada, fruto do desamor, da ganancia, de projetos econômicos que negam ao pobre, ao pequeno, ao excluído o direito à vida.

A educação então é, para a Companhia, uma forma de se fazer presente, atualizando sua resposta educativa “segundo tempos e lugares”. Por estar aberta a estas mudanças, vamos encontrar educadoras da Ordem em diferentes espaços de exclusão. Este compromisso com o Outro que sofre, em seguimento de Jesus, para muitos religiosas, religiosos e leigos comprometidos com a causa dos pobres, cobrou um preço alto, pois desagradou as forças hegemônicas locais, levando-os a padecer a sorte de muitos que entregaram a vida em favor dos esquecidos deste mundo: o martírio. Assim como ocorreu com muitos latino-americanos, que não se calaram diante da opressão, duas religiosas colombianas da Companhia de Maria, regaram a terra deste continente com seu sangue: Irmã Terezita Ramirez, Risaralda (1989), e Irmã Iolanda Cerón, Tumaco (2001).

* Objetivo: Verificar as práticas de educação social desenvolvidas por Ordens religiosas em espaços de exclusão social.
* Problema: Como as Ordens religiosas desenvolvem seu testemunho religioso em meios populares.
* Indicação da fundamentação teórica e metodológica: Como fundamentação teórica buscamos os autores Paulo Freire, Enrique Dussel e Martín-Baró, por se tratar da educação em espaços de exclusão na América Latina.
* Metodologia de pesquisa: Levantamento bibliográfico, método hagiográfico e análise de entrevistas.
* Resultados: As ordens religiosas, respondem ao Carisma fundacional, desenvolvendo ações sociais nos espaços de exclusão.

**Referências Bibliográficas:**

DUSSEL, Enrique. Filosofia da libertação: crítica à ideologia da exclusão. São Paulo: Paulus, 1995.

\_\_\_\_\_\_\_. Filosofia de la Liberación.Bogotá/Colombia: Nueva América, 1996

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970

BÍBLIA SAGRADA. Tradução Ivo Storniolo e Euclides Martins Balacin. São Paulo: Paulus, 1990.

FARIA, Pe. Henrique de Moura. Bartolomeu de Las Casas: o direito a serviço da vida do pobre. Disponível em:

< <http://domtotal.com/direito/pagina/detalhe/23680/bartolomeu-de-las-casas-o-direito-a-servico-da-vida-do-pobre>>. Acesso em: 01 out. 2017.

HISTÓRIA DE SÃO VICENTE DE PAULA. Disponível em: <<http://www.santuariodocaraca.com.br/santos-de-devocao/historia-de-sao-vicente-de-paulo/>>. Acesso em: 14 out. 2017.

MARTÍN-BARÓ, Ignácio. Crítica e libertação na psicologia. São Paulo: Vozes, 2017

\_\_\_\_\_\_. Hacia una psicología de la liberación. *Psicología sin Fronteras* - Revista Electrónica de Intervención Psicosocial y Psicología Comunitaria, San Luis, v. 1, n. 2,

p. 7-14, 2006. Disponível em: <<http://www.facso.uchile.cl/psicologia/epe/_documentos/getep/martin_baro_psicologia_liberacion.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2017

ODN. Historia de la Orden de La Compañía de María Nuestra Señora. Tradução Maria Cerero Blanco. San Sebastián/España: Ediciones Lestonnac, 1964.

SOUZA NETO, João Clemente de. Pedagogia Social: Formação do Educador Social e Seu Campo de Atuação. *Cadernos de Pesquisa em Educação PPGE-UFES*, Vitória, v. 16, n. 32, p. 29-64, jul./dez.2010.

<http://www.a12.com/redacaoa12/igreja/introducao-aos-documentos-conciliares> - Acesso em 22 agosto 2018

<https://nacoesunidas.org/america-latina-e-caribe-e-regiao-mais-desigual-do-mundo-revela-comissao-da-onu/> - Acesso em 30 agosto 2018